

Amigo de Chico Mendes luta para não morrer

Marcelo Auler

BRASILEIA, AC — O tipo nada tem dos velhos seringueiros acreanos, com seu bermudão branco, camiseta vermelha sem manga, sandália de surtista, cabelo escorrido e braço esquerdo em uma moderna tipóia americana. Mas o barbudo Osmarino Amâncio Rodrigues não apenas nasceu, há 33 anos, num seringal, como dali só saiu para servir o Exército em Rio Branco. Seringueiro de nascença, Osmarino abandonou há 15 anos qualquer projeto pessoal, até o sonho de um casamento, para se dedicar à luta pela sobrevivência dos seringueiros — e da própria floresta amazônica. Apontado como o sucessor de Chico Mendes (líder seringueiro assassinado em dezembro de 1988), ele tem boas chances de ser eleito para a Assembléia Legislativa do Acre, em outubro próximo. Se chegar vivo até lá.

Dono do "verdadeiro sangue latino" — um avô era índio peruano casado com uma cabocla amazonense e o outro, cearense, soldado da borracha, com uma boliviana — o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, na fronteira com a Bolívia, está marcado para morrer. Em consequência, não joga mais pelada, suspendeu os forrós e os bate-papo nos bares. Uma luva de lã, na cintura, virou coudre para o revólver 38. Cinco diretores do sindicato transformaram-se em "seguranças pessoais". E Osmarino não dá as costas para porta alguma e não sai à rua por nada entre 5 e 7h ou entre 17 e 19h, horas de crepúsculo tradicionalmente aliados dos assassinos contratados por quem não gosta dos seringueiros — ou da mata.

Essa mesma luta trouxe-lhe também os contantes convites para viagens e palestras no exterior. Logo ele, que quando jovem sonhava no máximo em conhecer Rio Branco e envergonhava-se ao ter de falar nas reuniões das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da paróquia de Brasília. Mas quem, há três anos, quase morreu com uma picada da venenosa cobra jararacuçu, não teve dificuldade de vencer o medo dos aviões e controlar as ânsias de vômito, invariavelmente presentes nos primeiros vôos. Esse autódidata, cuja principal cartilha foi a Bíblia lida durante as reuniões das CEBs, foi forçado também a perder a timidez. Entre dezembro e março, falou a platéias antes jamais imaginadas — na França, Estados Unidos, Dinamarca e Inglaterra.

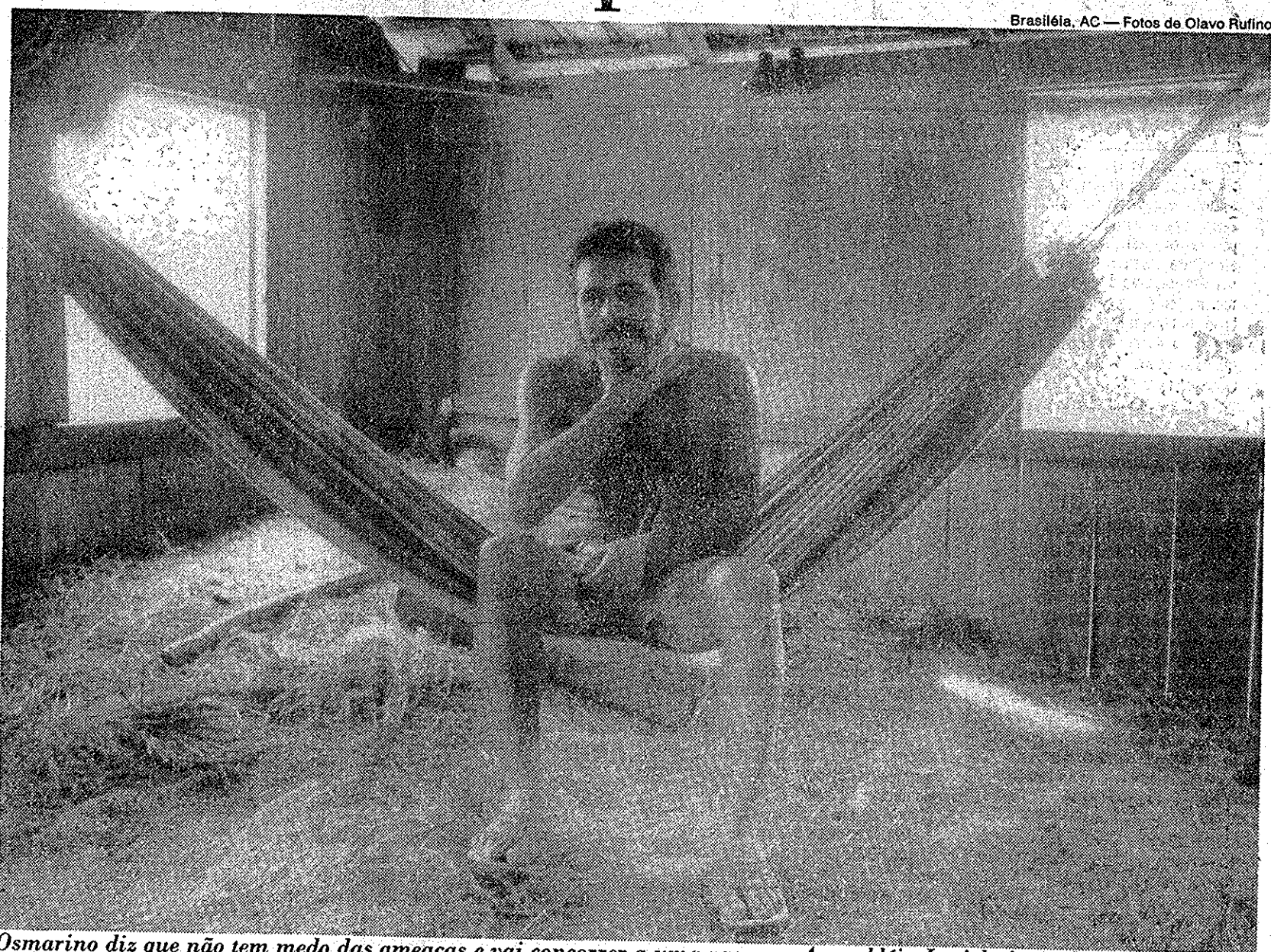
Atentados — Todas essas mudanças não lhe roubaram a simplicidade nem o humor. Seu salário é uma simples ajuda de custo rateada entre seringueiros. Sua casa, na cidade, é di-

vidida com outros sindicalistas. O seringal do pai continua indispensável quando quer descansar. Mesmo com o braço semiparalisado (consequência de um acidente de automóvel no ano passado no Amazonas), ele anda com desenvoltura pelas trilhas da floresta. Brinca com as ameaças que sofre. E tem sempre uma história engraçada das viagens para contar a seus pares, como a dos sindicalistas que bateram na porta tentando entrar num elevador ou da sua dificuldade em dizer a uma aeromoça francesa que estava com fome.

Simples, no sábado, dia 2, não teve qualquer cerimônia em dar um chá de cadeira no secretário de Segurança do Estado, Carlos Alberto da Silva, que se deslocara até Brasília, à sua procura. Mesmo sabendo da presença dele na cidade, Osmarino manteve a ida ao Seringal Porangaba, na Floresta Amazônica, para, sentado em uma rede, ouvir os seringueiros recentemente expulsos da Bolívia. Ao secretário só sobrou tempo no início da noite. Foi o segundo encontro da semana com uma autoridade policial. Dois dias antes, pressionado por comando de Brasília, o superintendente da Polícia Federal no Acre, Luiz Gonzaga Neto, também transpôs os 240 quilômetros da BR-364 — uma estrada intransitável até mesmo no verão — para, em Brasília, oferecer-lhe segurança pessoal. À primeira vista, as autoridades brasileiras, e acreanas em especial, parecem ter se sensibilizado com a situação de Osmarino.

Polícia — Ele, porém, não está convencido disso. É certo que aceitou de bom grado os portes de armas para a sua "segurança pessoal", antes tantas vezes negado. Foi ele também quem dispensou a presença de policiais, quer federais, quer estaduais, ao seu lado. Incompreendida por muitos, a dispensa é justificada de forma simples. Primeiro, Osmarino acredita mais nos seus colegas seringueiros, que "conhecem melhor" seus hábitos, e as pessoas com que está acostumado a lidar. Além disso, ele sabe que é impossível a seu sindicato, que constantemente recorre à ajuda financeira de sindicatos de outros estados do país, bancar as despesas dos policiais, como teve que fazer em outras vezes.

"Não vai ser dando segurança pessoal que o governo vai garantir a vida de um sindicalista ameaçado. Se não desarmarem as fazendas e não retirarem o porte de arma dos envolvidos nessas ameaças, nada mudará", explica, lembrando que o fazendeiro Darci Alves da Silva, hoje na penitenciária de Rio Branco, acusado do assassinato de Chico Mendes, foi autorizado pela polícia a andar armado — coisa que já fazia — uma semana antes da morte do líder dos seringueiros.



Osmarino diz que não tem medo das ameaças e vai concorrer a uma vaga na Assembléia Legislativa pelo PT

Polícia não leva a sério as denúncias

A simples cassação dos portes de armas, provavelmente, não resultará em nada objetivo. Também não é certo que uma revista nas diversas fazendas da região de Xapuri signifique o efetivo desarmamento. Mas tanto Osmarino quanto as demais lideranças sindicais do Acre esperam uma demonstração de vontade política das autoridades. Todos sabem que a lista dos marcados para morrer não só é grande como já não envolve apenas seringueiros e sindicalistas. Nela estão, entre outros, o juiz de Xapuri, Adair Longuini, e dois soldados PMs da mesma cidade.

Osmarino coleciona também uma sé-

rie de ameaças e atentados — os tiros dados ao lado de sua casa e o caminhão jogado contra a pick-up que usava, por exemplo. A polícia, no entanto, prefere descaracterizar estes atentados. Os tiros, segundo policiais, foram de "um cidadão comum" para matar uma mutum (ave que Osmarino garante não migrar para as cidades); e o acidente não passou de peralície de um adolescente. O que ninguém explica é como todas essas coincidências ocorrem com uma única pessoa, justamente Osmarino, homem que todos sabem jurado de morte.

Candidatura — As últimas informações que o líder seringueiro diz ter recebido — inclusive de policiais militares e civis — dão conta de que vão lhe preparar um atentado tão logo terminem as eleições. Todas estas coincidências e informações que os próprios moradores da região lhe passam, inclusive sobre reuniões de fazendeiros que reco-

lhem dinheiro para sustentar a defesa da família de Darci Alves da Silva — pai de Darci e acusado de mandante da morte de Chico Mendes —, estão sendo relacionadas por Osmarino num documento a ser entregue às autoridades.

Há quem, como a polícia, prefira duvidar destas denúncias, atribuindo-as a uma espécie de autopromoção do líder seringueiro, hoje candidato a deputado. Já o juiz de Brasília, João Júlio Rocha, é mais prudente: "O Chico Mendes também falou que ia morrer e ninguém acreditou..." Não é outra a posição do jovem promotor Eliseu Buchmeier de Oliveira: "Quem conhece a realidade daqui tem que ter medo e ao mesmo tempo coragem. No começo, achei que tudo não passava de um grande folclore, mas hoje estou preocupado." Osmarino também se preocupa, mas nega que tenha medo. Tanto que não aceitou os conse-

lhos dos amigos para abandonar Brasília e o próprio Acre.

A candidatura pelo PT foi uma decisão coletiva, segundo ele. Convenceram-no da necessidade de um porta-voz dos seringueiros na capital: "Está na hora de ocuparmos os espaços", diz. Não esconde, contudo, que também as ameaças de morte pesaram na decisão: "Fica mais difícil atingirem um deputado". Sua campanha, como não poderia deixar de ser, será feita quase toda nos seringais e terá o mesmo tom da luta pela preservação da floresta — denúncias contra fazendeiros e aquele que identifica como candidato da UDR ao governo do Acre, Rubens Branquinho, do PL. Aos que o aconselham a moderar ou, pelo menos, tomar mais cuidado, Osmarino tem a resposta na ponta da língua: "A morte não tem diferença. Ela é a mesma quando se morre de fome, de malária ou de tiro. De tiro é até mais rápido e faz sofrer menos." (M.A.)

Viúva e sucessores brigam

Luta pelo poder deixou sindicato largado às moscas

A velha casa de madeira pintada de verde só não está completamente abandonada graças a três gatos pingados que permanecem ali o dia inteiro, mesmo sem afazeres. Um letreiro já desgastado pelo tempo é a única indicação de que aquele velho barraco foi palco de lutas capazes de despertar a atenção do mundo inteiro e, até mesmo, de criar constrangimentos internacionais para as autoridades brasileiras.

O retrato do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, criado e conduzido por Chico Mendes até sua morte, hoje é melancólico. A briga pelo poder em torno da Fundação Chico Mendes, criada após sua morte e, consequentemente, pelo direito de administrar os US\$ 750 mil pagos pela JN Filmes, referentes à primeira parcela dos direitos autorais para a filmagem da vida do líder seringueiro, criou feridas que só mesmo ele seria capaz de cicatrizar.

De um lado está a viúva, Izamar Gadelha Mendes; seu novo companheiro, o vereador petista Júlio Nicácio Lima; o irmão de Chico, José Alves Mendes Neto, o Zuzi; e o ex-padrão Gilson Pescador. Do lado oposto estão todos aqueles que assumiram os muitos cargos que Chico acumulou: Júlio Barbosa de Aciuno, presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros; Jorge Gomes Pinheiro, presidente do sindicato; Francisco de Assis Monteiro de Oliveira, presidente da Cooperativa Rural; Gomercindo Garcia Rodri-

gues, agrônomo e assessor dos sindicalistas; e o próprio Osmarino Amâncio Rodrigues. Sobram críticas e acusações ainda para a antropóloga Mary Helena Allegretti e para Steve Schwartzman.

Hoje, ainda que os sindicalistas evitem comentar estas brigas de público — "eu sei que isso interessa aos outros, mas precisa saber se nos interessa divulgar isso também", esquivou-se Júlio Aquino —, elas mobilizaram o movimento em Xapuri. Izamar já foi destituída da presidência da fundação. Agora, seu grupo espera a assembleia do próximo dia 18 para tentar transformar Zuzi no novo presidente da entidade.

Nas prateleiras do Fórum repousa outra consequência desta disputa, mais de 10 processos em torno do caso Chico Mendes, fora o processo criminal. Há ações movidas pelos dois grupos. Sem falar nos processos da primeira mulher do líder seringueiro, Eunice Feitosa, que conseguiu restaurar seu casamento — a página do livro do cartório que registrava a união dela com Chico foi rasgada — e, para todos os efeitos, passou a ter direito também sobre o dinheiro. Ela tenta ainda reconhecer a sua filha, Ângela Maria, de 20 anos, como filha de Chico.

O curioso é que toda esta disputa pode estar sendo travada por nada. Dos US\$ 750 mil, 30% foram retirados para a família — 20% para Izamar e seus dois filhos e 10% para os irmãos de Chico. Os US\$ 525 mil restantes estão duplamente bloqueados nos bancos. Primeiro pela Justiça, que um dia o liberará, após decidir quem tem direito. Depois, pelo Plano Collor. (M.A.)



Izamar quer eleger Zuzi presidente do Sindicato

Alvarino foge da Justiça mas promove festas

Mesmo dispondo do conforto da casa da mãe, o jovem Eliomar da Silva prefere passar suas noites no quartel da Polícia Militar do Acre, em Xapuri. Eliomar não é soldado, até porque sua idade — 17 anos — não permite. Ele tem é medo, e não à toa. Está jurado de morte pelo tio de sua mulher, o fazendeiro Alvarino Alves da Silva.

Dar guarda a Eliomar é o máximo que o tenente Deodato, o comandante do quartel, pode fazer. O destacamento tem apenas 20 soldados e nenhuma viatura, o que seria suficiente para uma cidade como aquela, não fosse ela Xapuri. Mesmo depois de ter atraído a atenção do mundo inteiro — jornalistas estrangeiros já são comuns por lá —, Xapuri continua violenta e a mercê de fazendeiros e pistoleiros. Os Alves da Silva à frente. Foi um Alves da Silva, o Darli, irmão de Alvarino, quem mandou seu filho Darci e dois pistoleiros tocaíarem Chico Mendes, em dezembro de 1988.

Desgraça — Eliomar caiu em desgraça quando Alvarino o mandou matar o ex-peão de sua fazenda, Teir. Eliomar não matou — e assim não conseguiu a prova do crime exigida: a orelha do peão. Oficialmente, Alvarino é um foragido da lei. O próprio Chico Mendes, antes de morrer, se encarregou de levar, da Justiça de Umuarama, no Paraná, para o Acre, um mandado de prisão contra os irmãos Alves da Silva. O que Chico Mendes não conseguiu foi um policial disposto a cumprir o mandado. Por isso morreu. Darci e Darli estão presos, mas por que se apresentaram. Alvarino não apenas permanece em liberdade como ainda continua ameaçando os inimigos e recebendo os amigos em festas na fazenda, entre eles políticos e policiais.

Uma destas festas foi em janeiro, quando comemorou, de uma só vez, os casamentos da filha Donzila, com o primo em segundo grau Vantuir, e da irmã menor, Cleusa, de 16 anos, com Vanderlei Viana de Lima. Vanderlei, de 35 anos, era o prefeito de Xapuri quando Chico Mendes morreu. Hoje ele é candidato a deputado estadual pelo PRN. Do mesmo PRN é o vereador de Brasília Luís Brandão Assen, que com o colega da Câmara, João Antônio de Carvalho, foi testemunha de um dos casamentos. Eles e mais o escrivão de polícia Antônio Ferreira Magalhães, o mesmo que respondia pela delegacia de Xapuri no dia da tocaia a Chico Mendes, participaram da festa com Alvarino.

Explicação — Estas ligações — que Chico Mendes antes e outros líderes seringueiros depois cansaram de denunciar — explicam por que, 17 meses depois, o crime de Xapuri ainda não teve solução. Darli e Darci deverão ser julgados até setembro, mas permanecem desconhecidos, pelo menos para a Justiça, os demais interessados em eliminar aque-



Eliomar troca o conforto de casa pelos pernoites no quartel da polícia, com medo

le que por suas denúncias contra o desmatamento era odiado pelos fazendeiros locais.

O juiz Adair Longuini, que todos reconhecem como homem decidido a resolver o caso, lava as mãos. O que consta das 2.100 páginas do processo foi suficiente para levar os réus a julgamento. O resto tem que ser investigado pela polícia num inquérito complementar. Este inquérito existe — nº 05/89 —, mas nada esclarece. Dele constam algumas xerox retiradas do processo e as reportagens do jornalista Zuenir Ventura, publicadas pelo JORNAL DO BRASIL, em maio de 1989.

Uma das reportagens levantava a possibilidade de envolvimento no caso do então presidente da UDR local (União Democrática Ruralista) e diretor do jornal Rio Branco, João Branco. Outra, intitulada *Uma pista para quem se interessa*, falava da conversa do médico boliviano radicado no Acre, Efraim Mendoza, com o comerciante Pedro Ribeiro, um dia após o crime. Efraim confessou ter ouvido, no dia 17 de dezembro, numa mesa de jogo no Clube Rio Branco, o ex-seringalista Gaston Motta, compadre de Darli, prometer que Chico Mendes morreria em cinco dias. A história chegou aos ouvidos do bispo de Rio Branco, Dom Moacir Grechi, pela boca de Pedro Ribeiro. Não satisfeito, Dom Moacir a confirmou com o próprio Efraim.

Estratégia — O delegado Nilson Alves de Oliveira permaneceu um ano e um mês em Xapuri exclusivamente por conta do caso. Neste período, o máximo que fez no inquérito complementar foi expedir uma carta precatória para a Cor-

regedoria de Polícia da Secretaria de Segurança, pedindo o depoimento dos envolvidos na denúncia do JB. Entre a publicação da denúncia e a expedição da carta, a demora foi de seis meses e até hoje a resposta não chegou a Xapuri. João Branco, porém, só teve duas preocupações até hoje: deixar, estrategicamente, a presidência da UDR e retirar seu nome do expediente do jornal. Pela polícia, jamais foi procurado.

Instalado na Secretaria de Segurança, em Rio Branco, Nilson ainda hoje admite a participação de outras pessoas no caso Chico Mendes, mas desculpa-se por não tê-lo elucidado. Uma de suas alegações é que o inquérito principal lhe absorveu mais tempo. A outra é o estado das péssimas estradas acreanas: "Passei dois dias dentro de um Gurgel entre Rio Branco e Xapuri." Garante, porém, que Efraim e Dom Moacir foram ouvidos — o primeiro negou e o segundo confirmou a história. Só que estes depoimentos, misteriosamente, permanecem em Rio Branco, longe do inquérito. Quanto a João Branco, o próprio Nilson, responsável pelo esclarecimento do crime, considera uma "interrogação" o fato de não ter sido ouvido. Seu substituto em Xapuri, Cláudio Alves de Oliveira, não fez absolutamente nada. Não é de se estranhar. Em conversa com o promotor ele mesmo afirmou que com a família Alves da Silva não iria se meter.

O promotor Eliseu Buchmeier de Oliveira, em Xapuri desde junho, não conseguiu sequer ler o processo que, àquela altura, já estava no tribunal, em Rio Branco. Nem por isso ficou parado. Não teve dificuldade, por exemplo, para ins-

taurar inquérito contra o escrivão Magalhães. Este atestou falsamente que Vantuir, primo de Alvarino, morava há mais de seis meses na cidade. Junto com o juiz Longuini, Oliveira levará, no próximo mês, dois Alves da Silva à cadeira dos réus: os irmãos Darci e Oloci, filhos de Darli, num processo em que são acusados de atirar contra seringueiros acampados num prédio do extinto IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal).

Cartões — O promotor promete aproveitar todos os indícios para tentar chegar aos outros interessados no assassinato de dezembro de 1988. Afinal, no dia seguinte ao crime, em Cruzeiro do Sul, no norte do estado, ele presenciou algo idêntico ao que Efraim viu: ouviu de pessoas ligadas a fazendeiros que a morte de Chico Mendes era esperada para antes do Natal. Soube também da *vaquinha* dos fazendeiros para as despesas.

Apesar dos aparentes riscos, o juiz Longuini quer realizar o júri no pequeno fórum de Xapuri. E espera fazê-lo rapidamente, tão logo o tribunal — que negou recurso impetrado pela defesa dos réus — devolva os autos. Não pretende ser o responsável pela demora. E não lhe faltam motivos para isso. Na semana passada, recebeu os primeiros 200 dos mais de 1.000 cartões que o Comitê Chico Mendes distribuiu pelo mundo agora para serem enviados a ele. "Confio que o senhor fará o possível para garantir uma justa solução para o caso", dizem os bilhetes, postados nas mais diversas cidades do mundo. O resto do mundo, mais uma vez, volta suas atenções para Xapuri. As autoridades policiais brasileiras ainda não. (M.A.)